

Orientação dos Estudantes de Enfermagem em Contexto de Prática Clínica

Irene OLIVEIRA

Instituto de Ciências da Saúde - Universidade Católica Portuguesa
R. Dr. António Bernardino de Almeida s/n, 4200-072 Porto, Portugal

e

Margarida VIEIRA

Instituto de Ciências da Saúde - Universidade Católica Portuguesa
R. Dr. António Bernardino de Almeida s/n, 4200-072 Porto, Portugal

RESUMO

O Ensino Clínico (EC) constitui, dentro do plano de estudos do Curso de Licenciatura em Enfermagem (CLE), um componente de extrema importância. O artigo pretende apresentar o modelo de orientação de estudantes de enfermagem do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa em Ensino Clínico, que se encontra em implementação num dos hospitais parceiros na formação. Faz-se uma revisão da evolução dos modelos de orientação e da prática que antecedeu este modelo nas instituições em causa e apresenta-se o modelo e estratégias que têm sido implementadas, bem como os resultados da sua avaliação na fase exploratória. Vários são os problemas encontrados na orientação em EC, tais como a falta de preparação dos enfermeiros dos Serviços, a sobrecarga de trabalho e o seu desconhecimento acerca dos objectivos da EC. Os estudos mencionados na revisão da literatura e a nossa recente experiência acerca do modelo "Serviço-Escola", têm revelado que a colaboração existente entre as Escolas de Enfermagem e as Instituições de Saúde onde a EC se realiza, pode ser importante para a promoção da aprendizagem dos alunos. No entanto, é ainda, necessária investigação que venha a contribuir no futuro para a clarificação e compreensão desta problemática.

Palavras-Chave: Orientação, Ensino Clínico, Estudantes de Enfermagem, Dedicated Education Unit, Serviço-Escola.

INTRODUÇÃO

O Ensino Clínico (EC) constitui, dentro do plano de estudos do Curso de Licenciatura em Enfermagem (CLE), um componente de extrema importância, devendo ocupar, pelo menos, cinquenta por cento da carga horária total do Curso, tal como está previsto tanto na legislação nacional[1], como na Directiva do Parlamento Europeu e do Conselho[2]. O objectivo principal do EC é a aquisição por parte dos estudantes de enfermagem das competências que os tornem habilitados a exercer a profissão, tendo por base as competências, definidas pela Ordem dos Enfermeiros em Portugal para o Enfermeiro de Cuidados Gerais[3], assim como as orientações internacionais sobre o assunto.

No entanto, dadas as circunstâncias actuais do Ensino de Enfermagem em geral e em Portugal em particular, são várias as dificuldades que se podem encontrar, sobretudo, as relacionadas com os locais onde os estudantes de enfermagem têm de realizar o EC, pelo que se torna importante analisar e reflectir sobre a situação actual, de forma a encontrar modelos de orientação em

EC que favoreçam a aprendizagem dos estudantes de enfermagem.

O artigo pretende apresentar o modelo de orientação de estudantes de enfermagem do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa em Ensino Clínico, que se encontra em implementação num dos hospitais parceiros na formação.

REVISÃO DA LITERATURA

Orientação em Prática Clínica em Portugal

A partir de 1968 o EC assumiu contornos uniformes e semelhantes no Curso de Enfermagem ministrado nas várias Escolas em Portugal, uma vez que o Plano de Estudos era comum. As principais diferenças começaram a surgir a partir de 1988 com a integração do Ensino de Enfermagem no Ensino Superior Politécnico[4], permitindo que cada Escola, embora tendo por base directivas europeias, traçasse o seu plano de estudos. Até então, o modelo predominante de educação de alunos em EC, consistia na supervisão directa feita pelos professores das escolas de enfermagem, praticamente, em tempo integral. A partir desta altura, os professores tiveram de reduzir o tempo de permanência nos campos da prática clínica, em virtude das novas exigências de formação académica, das novas funções que tiveram de assumir e, também, do maior número de estudantes admitidos. Por outro lado, as funções dos enfermeiros passaram a incluir a colaboração na formação realizada no Serviço. Assim, a função de orientação e supervisão do EC passou também a ser delegada em enfermeiros, quer dos próprios serviços onde os alunos realizassem o EC, quer doutros serviços contratados pelas escolas, mantendo a responsabilidade directa dos professores de enfermagem. Esta circunstância também se veio a verificar, de uma forma geral, noutros países como o Reino Unido, a Irlanda, os Estados Unidos da América, o Canadá[5], entre outros.

Em Portugal esta mudança trouxe uma grande heterogeneidade quanto aos EC, uma vez que a sua organização acabou por estar sujeita ao critério de cada escola, ao grau de preparação e colaboração dos enfermeiros que orientam os estudantes, assim como às especificidades próprias dos serviços que os recebem. Os problemas podem passar pela falta de preparação pedagógica, dos enfermeiros dos serviços, ou pela falta de conhecimento destes acerca dos objectivos do EC e do estadió de desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, por informação insuficiente da parte das Escolas. Para além disso, há ainda a acrescentar a estes factos, a dificuldade de orientar no mesmo serviço alunos provenientes de mais do que uma instituição de ensino, com filosofias, objectivos e percursos diferentes, a sobrecarga de trabalho dos enfermeiros que

orientam alunos, assim como, a constatação de alguma discrepância entre o que é ensinado em sala de aula e o que é ensinado no contexto da prática.

Por outro lado, toda esta problemática está ligada com o tipo de relação que se estabelece entre a Escola e as Instituições onde os estudantes realizam o EC, sendo desejável a existência de uma grande sintonia e de um envolvimento recíproco. As fronteiras da Escola não terminam no seu espaço físico, mas vão muito mais além, a tal ponto, que esses locais da prática, são ou podem ser considerados também Escola, ou seja, tal como já defendia Amador “urge que tanto as Escolas como os Serviços se empenhem em estudar, desenvolver e aprimorar formas que tornem esta colaboração ainda mais efectiva [...]. Ela deve ser transformada em estímulo para unir o que de melhor existe em cada um dos locais”[6].

Em síntese, desta articulação entre a Escola e os contextos onde o EC se realiza, tem forçosamente de existir um processo de permuta, de troca, de reciprocidade, de envolvimento, de alinhamento de perspectivas, para que os alunos se desenvolvam e adquiram as competências necessárias, para que os enfermeiros também se desenvolvam e para que a qualidade dos cuidados de enfermagem prestados à pessoa, seja sempre melhorada, suportada também pelos contributos que, nesta ligação, a investigação pode dar para a escola e para os contextos da prática.

Unidades Dedicadas à Educação

Dado o exposto, foi sentida a necessidade de procurar modelos alternativos e inovadores de orientação de Ensino Clínico. Nesta perspectiva, realizamos revisão da literatura acerca de experiências noutros países, nos quais foi adoptado um modelo alternativo de Orientação em Prática Clínica baseado numa parceria de colaboração entre as Escolas e as Instituições de Saúde, com a criação de serviços ou unidades inteiramente dedicados à educação dos estudantes de enfermagem, ou seja, as “Dedicated Education Unit” (DEU), na Austrália, Nova Zelândia[7] e Estados Unidos da América (EUA), e as “Collaborative Learning Unit” (CLU) no Canadá. A DEU é referida como uma nova abordagem pioneira na educação em EC, implementada em 1997 pela Escola de Enfermagem da Flinders University em Adelaide na Austrália (FUSA), desempenhando um papel importante no fortalecimento das relações entre os enfermeiros da prática clínica e os professores da Escola, criando um contexto de prática clínica mais positivo e maximizando a possibilidade dos alunos de enfermagem atingirem os objectivos propostos para o ensino clínico[8]. As DEUs são referidas como unidades de cuidados de saúde que se foram desenvolvendo através de estratégias de colaboração entre os enfermeiros da prática e os enfermeiros da Escola[9], estando na sua concepção subjacentes vários pressupostos, entre eles a reflexão na prática, o ensino dos alunos realizado pelos seus pares e a orientação feita em simultâneo por enfermeiros e professores do EC[10]. Segundo os autores, as DEUs trouxeram ganhos para a Escola de Enfermagem, para as instituições de saúde participantes, para os estudantes e providenciaram uma firme estrutura para o ensino pós-graduado e para a investigação em Enfermagem. Constatou-se que através de uma adequada combinação entre ensino feito por estudantes e ensino realizado por professores e enfermeiros, os estudantes foram capazes de desenvolverem as suas competências práticas para níveis elevados e com melhoria dos cuidados de saúde [10]. Estas constatações foram também confirmadas por estudos de avaliação da DEU realizados mais tarde [9], e por um estudo comparativo entre a DEU e os modelos tradicionais de orientação em EC[11].

Entretanto, outras experiências de implementação da DEU foram surgindo, não só noutros locais da Austrália[12], mas também noutros países, como por exemplo nos Estados Unidos da América em Tacoma[13], em Portland[14] e, ainda, no Canadá com a criação das “Collaborative Learning Unit” (CLU). A CLU é referida como uma adaptação da DEU australiana, mas implementada pela Universidade de Victória na Columbia Britânica no Canadá, tendo surgido em 2003, sendo considerada uma unidade onde todos os membros da equipa com os alunos e a Universidade trabalham juntos para criar um contexto de aprendizagem positivo e para prestarem cuidados de enfermagem de elevada qualidade[15] e, cujo os pressupostos subjacentes, são o valor profissional da co-aprendizagem, assim como a aprendizagem ao longo da vida. Segundo as autoras, a CLU apresenta várias vantagens tais como: diminuição da discrepância entre as expectativas a nível académico e as expectativas a nível da prática, procura por parte de todos os intervenientes (professores, enfermeiros e alunos) do desenvolvimento do conhecimento da enfermagem como profissão, criação de oportunidades de investigação para a Escola de Enfermagem, para os enfermeiros das instituições de saúde e para os alunos, no sentido de melhorar a prática baseada na evidência, aumento da eficácia do sistema de saúde, através da promoção da qualidade dos cuidados de enfermagem prestados e envolvimento doutros profissionais de saúde.

Em Portugal, actualmente, não há registo da implementação deste modelo, contudo, na década de cinquenta foi relatado o aparecimento das “Enfermarias-Escola” nos Hospitais da Universidade de Coimbra, cujo objectivo era criar condições consideradas ideais para o EC dos estudantes[16] [17]. Nesta experiência é referido o grande envolvimento da escola com os serviços que recebiam os estudantes, sendo que a responsabilidade da assistência aos doentes das “Enfermarias-Escolas” era partilhada pela Escola, a qual tratava também de implementar todas as alterações necessárias na estrutura, no equipamento e no funcionamento geral do serviço, para que este possuísse as condições necessárias à realização do EC.

ORIENTAÇÃO EM ENSINO CLÍNICO - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE (ICS) DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA (UCP)

Assim, dados os problemas encontrados e referidos no contexto actual nacional da educação dos estudantes de enfermagem em EC, os relatos encontrados acerca das “enfermarias-escola” no passado em Portugal e os recentes modelos de DEU e CLU implementados noutros países, o ICS-Porto da UCP, sentiu a necessidade de partir para a experiência de implementação de um modelo que fortalecesse a ligação entre a Escola e o local de EC, que promovesse não só a aprendizagem dos estudantes, mas também o desenvolvimento dos enfermeiros dos serviços e, ao mesmo tempo, aumentasse a qualidade dos cuidados prestados aos doentes. Neste sentido, o ICS-Porto considerou que seria importante estabelecer um modelo de orientação baseado nas unidades dedicadas à educação a que designou de “Serviço-Escola”, a desenvolver no Hospital da Prelada (HP) no Porto, com o qual mantém protocolo de colaboração para a área do ensino.

O Ensino Clínico no HP existe desde a sua construção, há trinta anos. Não sendo a única, é a instituição que recebe maior número de estudantes de enfermagem do ICS-Porto, a partir do 2º ano curricular, e de três dos seis Ensinos Clínicos do Curso. Até ao final do ano lectivo 2008-2009 os professores que faziam a orientação directa dos alunos em EC eram, maioritariamente, do quadro de professores efectivos do ICS, mas gradualmente,

passaram a ser enfermeiros contratados (a situação predominante nos últimos anos). Os orientadores poderiam ser enfermeiros do HP (a maioria das situações), ou enfermeiros doutras instituições hospitalares, sendo que em ambos os casos, exerciam a sua actividade de orientação de alunos em horário próprio, para além do seu horário normal como enfermeiros, auferindo da remuneração respectiva. A acrescentar que, em todos os locais de EC em que os alunos são orientados por enfermeiros contratados, o Ensino Clínico é sempre da responsabilidade de um professor da Escola que, periodicamente, se desloca aos locais de EC e que também colabora na orientação e avaliação dos estudantes.

Em Maio de 2008 a assinatura de um Protocolo de colaboração mais abrangente entre a UCP e a entidade titular do HP, veio incrementar a colaboração entre o HP e o ICS, reflectindo-se também no domínio do Ensino de Enfermagem, como consta nos artigos n.º 3 e n.º 4 do referido Protocolo[18]. Desta forma, durante o ano lectivo 2008-2009, foram feitas várias reuniões de consolidação do projecto, visando a transformação do HP em Hospital de Ensino e, no final do ano lectivo 2008-2009, concluiu-se que, se bem que toda a colaboração anterior tenha sido muito proveitosa para ambos lados, seria necessário introduzir algumas alterações para atingir aquele desígnio. Foi redefinido o número total de alunos por turno em cada serviço, o número de alunos atribuídos a cada enfermeiro orientador, assim como, o tipo de horário e a criação de um subsídio de função que estes enfermeiros passariam a usufruir.

Assim, em cada serviço destinado ao EC dos 2º e 3º Anos, o número de estudantes por enfermeiro orientador passou para 4 a 5, o orientador passou a ser enfermeiro do Serviço, devendo exercer essa orientação no seu horário habitual de trabalho, e não em horário extra, e teria como funções, para além de fazer parte da equipa de trabalho, supervisionar/coordenar os estudantes, auferindo de um subsídio de função. Tornou-se fundamental proceder à formação e preparação dos enfermeiros orientadores, aumentar a colaboração entre estes e o Professor da Escola responsável pelos estudantes no HP, que passaria por reuniões mensais.

Neste 1º semestre do ano lectivo em curso fizeram EC no HP, 17 alunos do 3º Ano em permanência 4 dias por semana, distribuídos por 4 Serviços do Hospital. Neste período de tempo, considerado experimental, optou-se por fazer o diagnóstico da situação existente, elencando possíveis problemas que interferiram na aprendizagem dos estudantes, e delineando estratégias de solução e linhas orientadoras de intervenção para a transição dos locais para “Serviço-Escola”. Neste sentido, as metas delineadas para o próximo semestre passam: (i) pela definição e apresentação por parte do ICS dum perfil do orientador do EC para a selecção dos enfermeiros que irão orientar os alunos no HP; (ii) pela diversificação das experiências dos estudantes na prestação de cuidados aos doentes atribuídos; (iii) por flexibilização por parte do HP dos horários dos enfermeiros orientadores, para que possam participar nas sessões de orientação tutorial aos estudantes realizadas pelo professor, de forma a que haja entre todos uma maior sintonia e uniformidade na orientação; e (iv) promover uma maior participação dos orientadores nas sessões de formação planeadas pelo ICS. As previsões do ICS para o próximo semestre apontam para que a experiência de implementação do modelo “Serviço-Escola” no HP, ocorra em 1º lugar em apenas dois dos Serviços que recebem estudantes em EC, que serão considerados então os Serviços piloto de implementação do projecto e onde se iniciará a sensibilização dos profissionais para a participação em projectos de investigação.

CONCLUSÃO

O Ensino Clínico é um componente de extrema importância no Curso de Licenciatura em Enfermagem, uma vez que é a partir dele que os estudantes de enfermagem desenvolvem as competências necessárias que lhes vão permitir exercer a profissão.

Decorrente das mudanças verificadas no Ensino de Enfermagem, vários são os problemas encontrados, tais como a falta de preparação dos enfermeiros dos Serviços e o seu desconhecimento acerca dos objectivos da PCL.

Os estudos mencionados na revisão da literatura acerca dos modelos baseados nas DEU e CLU, e a nossa recente experiência de implementação do modelo de “Serviço-Escola”, têm revelado que o tipo de colaboração existente entre as Escolas de Enfermagem e as Instituições de Saúde onde a PCL se realiza, pode ser importante para a promoção da aprendizagem dos alunos, bem como para a melhoria dos cuidados prestados. No entanto, é ainda, necessária investigação que venha a contribuir no futuro para a clarificação e compreensão desta problemática.

REFERÊNCIAS

- [1] PORTUGAL, Ministério da Educação – Portaria n.º 799-D/99 de 18 de Setembro: Regulamento Geral do Curso de Licenciatura em Enfermagem. D.R.: I Série-B, n.º 219 – 99-09-18 (1999),p.6510(2)(Art.3º).
- [2] PARLAMENTO EUROPEU E CONSELHO EUROPEU – Directiva 2005/36/CE de 7 de Setembro de 2005: reconhecimento das qualificações profissionais. Jornal Oficial da União Europeia – 05-09-30 (2005), p. 255/41(Artigo 31 - n.º 5).
- [3] ORDEM DOS ENFERMEIROS - Competências do enfermeiro de cuidados gerais. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros, 2004.
- [4] PORTUGAL, Ministério da Saúde – Decreto-Lei n.º 480/88 de 23 de Dezembro: Integração do Ensino de Enfermagem no Ensino Superior Politécnico. D. R.: I Série, n.º 295 – 88-12-23 (1988).
- [5] CASN Task Force on Clinical/Practice Education– Clinical Practice Education Survey 2003 (Version: 10-04-2004). Ottawa: CASN – Canadian Association of Schools of Nursing, 2004.
- [6] AMADOR, Maria Virtuosa Pereira – Educação em Enfermagem: uma análise etnográfica da colaboração serviços-escolas nos estágios clínicos. São Paulo: Escola de enfermagem da Universidade de São Paulo, 1991, p.322.
- [7] DEU PROJECT TEAM – Dedicated Education Units – a New Way of Supporting Clinical Learning. Kai Tiaki Nursing New Zeland. Nova Zelândia 14:11 (Nov.2008) 24-25.
- [8] EDGEcombe, K. [et al.] – Dedicated education units : 1 A new concept for clinical teaching and learning. Contemporary Nurse : A Journal for the Australian Nursing Profession (CONTEMP NURSE), Australia. ISSN: 1037-6178. 8:4 (Dec.1999) 166-171.
- [9] WOTTON, Karen; GONDA, Judith – Clinician and student evaluation of a collaborative clinical teaching model. Nurse Education in Practice. Reino Unido. ISSN: 1471-5953. 4 (2004) 120-127.
- [10] GONDA, J [et al.] – Dedicated education units: 2 An Evaluation. Contemporary Nurse: A Journal for the Australian Nursing Profession (CONTEMP NURSE). Australia. ISSN: 1037-6178. 8:4 (Dec.1999) 172-176.

- [11] HENDERSON, A. [et al.] – Students' perception of the psycho-social clinical environment: an evaluation of placement models. *Nurse Education Today*. Reino Unido. ISSN: 0260-6917. 26: 7 (Out. 2006) 564-571.
- [12] RANSE, K; GREALISH L. – Nursing students' perceptions of learning in the clinical setting of the Dedicated Education Unit. *Journal of Advanced Nursing*. Reino Unido. ISSN:0309-2402. 58: 2 (2007) 171-179.
- [13] MILLER, T.W. – The Dedicated Education Unit: a practice and education partnership. *Nursing Leadership Forum*. EUA. ISSN: 1076-1632. 9: 4 (2005) 169-173 p.170.
- [14] MOSCATO, SR [et al.] – Dedicated Education Unit: an innovative clinical partner education model. *Nursing Outlook*. EUA. ISSN:0029-6554. 55:1 (Jan.- Feb. 2007) 31-37.
- [15] LOUGHEED, Mary; FORD, Arlene G. – The Collaborative Learning Units Model of Practice Education for Nursing: a Summary. Canada: Collaboration for Academic Education Nursing (CAEN). Set. 2005.
- [16] CARVALHO, Maria Amélia – Escola de Enfermagem Doutor Ângelo da Fonseca (Coimbra). Servir. Lisboa (1954).
- [17] VIEIRA, Margarida – Ser Enfermeiro: Da Compaixão à Proficiência. Lisboa: Universidade Católica Editora Unipessoal Lda., 2007. ISBN 972-54-0146-8.
- [18] Protocolo de Cooperação entre a Santa Casa da Misericórdia do Porto e a Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, Maio de 2008.